



**jovens  
comunicadores**  
inec juventude

**Revista**

# AVAIA

produzida pelos Jovens Comunicadores do INEC  
**COMUNICAÇÃO FEITA de GENTE**

 **Ano 2 Edição nº 2**  
**Jan 2021 Fortaleza CE**



**inec**  
instituto nordeste cidadania



**jovens  
comunicadores**  
inec juventude

# **AUTONOMIA PARA OS JOVENS**

# OS OSSOS DOS NOSSOS TERRITÓRIOS PARA O MUNDO | O VALOR DA COMUNICAÇÃO JUVENIL

**Rodrigo  
de Oliveira**  
educador  
e assessor  
pedagógico do  
projeto Jovens  
Comunicadores  
do Inec



## O MANGUE BEAT COMO INSPIRAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO JUVENIL

**RODRIGO DE OLIVEIRA**

*EDUCADOR E ASSESSOR PEDAGÓGICO  
DO PROJETO JOVENS COMUNICADORES DO INEC*

“Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”. Com essa frase, o compositor pernambucano Chico Science provocou uma reflexão fundamental na juventude dos anos 1990, que nos ajuda a compreender o processo de afirmação dos excluídos e, de certo modo, os mecanismos de expressão jovem de forma autêntica, latente e revolucionária.

Junto com Fred Zero Quatro e outros artistas pernambucanos daquele pulsante período, Chico Science criou o movimento Manguê Beat, que propunha a compreensão e a divulgação das expressões culturais tradicionais de Pernambuco – como o maracatu, a ciranda e o coco – em diálogo com expressões universais, como o rock n´roll, o hip hop e o funk, tendo em suas letras críticas às desigualdades e ao abandono econômico-social do manguê e a valorização da cultura e comportamento locais.

Desse modo, o manguê beat colocou em contato com os jovens um repertório que dizia muito sobre o território pernambucano, as tradições, as tendências à inovação, as pessoas daquele lugar e seus pontos de vista sobre o local e sobre o mundo. Em formato de cultura de massa, o manguê beat extrapolou as artes e carregou nos seus discursos e na sua potência sonora uma comunicação que partia da expressão juvenil de Pernambuco e que chegava ao mundo, através das antenas da mídia e da (ainda recém popularizada) internet.

Junto dos discos e shows, vertiam incessantemente revistas, fanzines, painéis de grafite, coletivos de jovens artistas, programas de rádio e de TV, produções online... uma infinidade de conteúdos produzidos pelos “manguê boys” e pelas “manguê girls”, como eram chamados os jovens entusiastas do movimento

manguê beat, que afirmavam um novo jeito de se colocar no mundo, empoderados e em rede, com suas mídias próprias e suas pautas explosivas.

Tínhamos ali uma comunicação que provocava, que ensinava, que denunciava e que propunha uma ressignificação da própria produção de discurso. Tínhamos ali um encontro entre cultura e comunicação, gerado pela juventude inquieta e sedenta por abordar suas questões e difundir suas expressões. Cada música, cada texto, cada show, cada *take* pra TV (seja do bairro, seja da web, seja da grande redação), cada muro grafitado era um passo! Cada produção era um motivo para não ficar no mesmo lugar. Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar.

Assim é comunicação produzida por jovens em diversas paragens do Brasil, que fazem de suas produções um passo a mais para a afirmação de seu território, um passo a mais na expressão de suas lutas, de seus desejos e de seus sonhos. O projeto Jovens Comunicadores, do Inec, é um precioso exemplo dessa geração de saberes a partir da apropriação de diferentes mídias e da expressão juvenil, com suas múltiplas vozes e linguagens que dão novos sentidos para os territórios.

Uma comunicação que, ao mesmo tempo que educa, mobiliza, inova e afirma o surgimento de novos sujeitos produtores de mídia.

# OLHANDO PARA DENTRO DE SI ENCONTRAMOS NOSSO VERDADEIRO LUGAR

## EDITORIAL |

Ao atravessarmos o atípico e desafiador ano de 2020, onde o mundo se viu em meio à pandemia de Covid-19, nossa capacidade criativa em comunicação se mostrou um dos mais poderosos instrumentos para superar dificuldades.

Neste sentido, apresentamos orgulhosos a segunda edição da revista A Vaia, fruto dos principais trabalhos desenvolvidos do ano pelo projeto Jovens Comunicadores do Inec, que reflete sobre temas caros à existência humana:

como nos enxergamos?

Qual é o nosso lugar no mundo?

E o que esse nosso lugar revela sobre nossas vivências e identidades?

O desafio dado não foi dificuldade para os 106 beneficiários do projeto, que encararam a missão como uma oportunidade de demonstrar as habilidades adquiridas durante as aulas, oficinas e

debates em comunicação ofertados pelo Inec ao longo do ano, como produção textual, fotografia e audiovisual.

Como resultado, nos brindaram com os mais diferentes produtos e expressões da originalidade, criatividade e diversidade encontrada nas múltiplas vozes de jovens animados para contar suas próprias histórias.

Nas páginas a seguir, publicamos uma seleção apurada desses trabalhos que convida o leitor à prática de olhar para si e ao redor e perceber que muito temos a compreender e dizer na busca para descobrir nossa própria voz.



## EXPEDIENTE |

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**José Mauricio de Lima da Silva**  
Presidente

**Adstoni Lopes Bezerra**  
**Cybele Bandeira**  
**Edgar Arilo Saldanha Fontenele**  
**José Carlos Aziz Ary**  
**Mário Eduardo Fraga Da Silva**  
**Melina de Carvalho Barbosa**  
**Murilo Albuquerque Custódio**  
**Zilana Melo Ribeiro**

### CONSELHO FISCAL

**José Ferreira Chagas**  
Presidente

**Jorge Luiz Fonseca de Sant'Anna**  
**Maria Claudia Nascimento Silva**

### DIRETORIA EXECUTIVA

**Stélio Gama Lyra Jr**  
Diretor Presidente

**Helda Kelly dos Santos Pereira Lima**  
Diretora Administrativo Socioambiental

**Roque Martins**  
Diretor Financeiro e de Controle

### ÁREA SOCIOAMBIENTAL e de COMUNICAÇÃO

**Geciola Fonseca Torres**  
Gerente

**Antonia Nagela de Araújo Costa**  
Coordenadora Socioambiental

**Bruna santos da Silva**  
Assessora Técnica responsável pelo projeto

**Cleiber Andrade da Silva**  
Coordenador de Comunicação

**João Paulo Friedman Juaçaba**  
Assessor Técnico Comunicação Social

**Mariana Campos**  
Assessora Técnica Comunicação Social

REDAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL  
Alana Soares

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Edmilson Miranda Jr

**Instituto Nordeste Cidadania**  
Av. Dr. Silas Munguba, 3500. Serrinha.  
Fortaleza – CE. CEP 60714-502  
Fone: (85) 3209-9200

# ÍNDICE

## **ESCREVER, UMA REVOLUÇÃO DIÁRIA . . . . . 08**

AS PRODUÇÕES TEXTUAIS . . . . .	08
LORENA MARIA MOURA DA SILVA . . . . .	10
WEGITON QUEIRÓS. . . . .	12
RANGEL SANTOS . . . . .	13
DANIELLE SARAIVA . . . . .	16

## **OLHARES DESPERTOS PARA O SENSÍVEL . . . . . 18**

CONCURSO DE FOTOGRAFIA . . . . .	18
1º LUGAR . . . . .	21
2º LUGAR . . . . .	22
3º LUGAR . . . . .	25

## **LENTES DA CRIATIVIDADE. . . . . 26**

CONCURSO DE AUDIOVISUAL . . . . .	26
1º LUGAR . . . . .	28
2º LUGAR . . . . .	30
3º LUGAR . . . . .	32

## **ZINES, A ARTE DA MÍDIA REBELDE. . . . . 34**

DESTAQUE . . . . .	36
--------------------	----

## **UM MERGULHO NA IMENSIDÃO DAS PALAVRAS . . . . . 38**

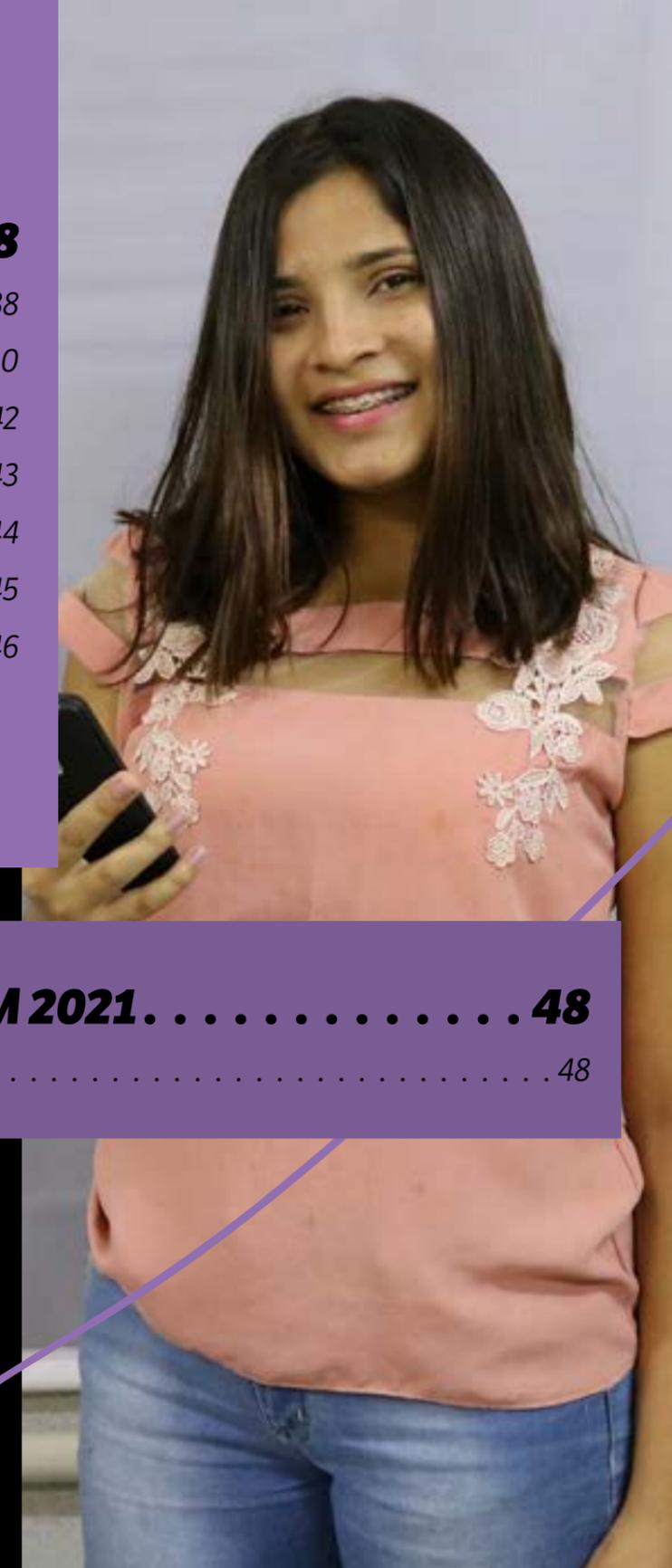
CONCURSO DE REDAÇÃO . . . . .	38
MARIA JÚLIA CASTRO . . . . .	40
FRANCISCO BRUNO . . . . .	42
MARGARIDA CALISTO . . . . .	43
WENDELL . . . . .	44
ANA GLÓRIA . . . . .	45
LEONES SANTOS . . . . .	46

## **ONDE VAMOS CHEGAR EM 2021. . . . . 48**

O QUE VEM POR AÍ . . . . .	48
----------------------------	----

## **QUEM DEU A VAIA DESSE ANO? . . . . . 49**

LISTA DE COLETIVOS JOVENS COMUNICADORES DE 2020. . . . .	49
--	----



# ESCREVER, UMA REVOLUÇÃO DIÁRIA

## AS PRODUÇÕES TEXTUAIS

A comunicação é uma das bases de nossa sociedade, atravessando todos os aspectos da vida. Seja verbal ou não verbal, escrita ou falada, é a partir da comunicação que trocamos informações, conhecimentos e histórias. Um marco revolucionário para a humanidade, a invenção da escrita nos permitiu atravessar o tempo, preservando informações, e o espaço, difundindo-as em grande escala a partir da máquina de imprensa de Gutenberg.

Entre outros benefícios, escrever bem demonstra capacidade de compreensão e articulação de ideias, duas grandes vantagens, seja na escola, na disputa por uma vaga de emprego ou na vida social.

Confira abaixo as três melhores produções textuais do Concurso Cultural Jovens Comunicadores do Inec 2020.



# SOLIDARIEDADE NA SERRINHA

## LORENA MARIA MOURA DA SILVA

SERRINHA

Diante da grave situação de precarização da vida dos moradores do bairro onde moro, formamos a Frente de Solidariedade do Bairro da Serrinha - Periferia Contra o Corona e em Defesa da Vida em parceria com institutos, associações, movimentos sociais, igrejas e times de futebol, assim como coletivos que já atuavam no território, com objetivo de garantir às pessoas condições, mesmo que mínimas, de conseguirem cumprir a quarentena.

Iniciamos com a criação de uma vaquinha online e passamos a receber doações de cestas básicas e utensílios de diversas organizações sociais, inclusive do Inec, um grande parceiro do bairro.

Por fim, conseguimos garantir mais de 9 toneladas de alimentos, 600 máscaras de proteção, 200 cartazes informativos de como se proteger do coronavírus, 200 cartilhas para colorir, além de um recurso mensal no valor de R\$ 180 para algumas famílias mais vulneráveis.

As fotos que ilustram esse texto retratam essas ações. Cada uma traz alguns elementos importantes que me fizeram enxergar sob um novo olhar a grandeza de solidariedade que existe no meu bairro, Serrinha.



Atividade em homenagem ao Dia das Mães, em 10 de maio. Já que não poderia haver festa, fizemos a entrega de cestas básicas, materiais de limpeza, máscaras e kits para colorir, voltado para os filhos das mulheres acolhidas na ação. Um dos desafios que enfrentados foi convencer a população do perigo do vírus e a importância de ficar em casa para evitar a contaminação. Com isso, distribuímos mais de 200 cartazes informativos sobre a covid-19 nos postes, muros públicos e, com a permissão dos moradores, nas casas.



Parte do kit de cesta básica, entregamos cartilhas infantis para colorir e lápis de cor. A cartilha, composta de desenhos de mulheres inspiradoras como Dandara e Marielle Franco, foi pensada com objetivo de entreter a criançada enquanto leva conhecimento.



Foto tirada na atividade do jantar solidário para as pessoas em situação de rua no bairro da Serrinha, que aconteceu no Domingo de Páscoa (12 de abril).

No Domingo de Páscoa, a Frente distribuiu quentinhas para as pessoas em situação de rua. A falta de moradia digna inviabiliza o direito à quarentena para essa população. Em Fortaleza, existem quase 2 mil pessoas em situação de rua.

“Fé na luta, venceremos!”. Na foto, alguns dos voluntários da Frente. Os braços levantados significam força e luta para mostrar o quanto é importante acreditar na luta diária daqueles que tem fé que é possível construir um mundo melhor.



# OLHARES SOBRE O MEU LUGAR

## WEGITON QUEIRÓS

JAGUARETAMA

Quando acordo de manhã, o sol está brilhando e eu estou feliz por estar vivo.

Feliz por termos chegado até aqui e vencido tantos obstáculos e revezes.

Sáímos dos barracos de madeira e agora temos casas de alvenaria.

Temos nossa terra, nossos lotes, nossa reserva de terra, nosso pasto, aqui é nosso lugar.

Lutamos por moradia e dignidade e saímos vitoriosos quando a Barragem do Castanhão

Ameaçou tirar nosso torrão.

Neste ano chegou uma peste que tira vidas sem nenhuma piedade

E que amedronta o sertanejo de morrer sem poder se despedir

Deixando a saudade no coração daqueles que o amam.

O Coronavírus tem nome real e faz parar a respiração.

Falta ar nos pulmões.

Aperta de dor o coração.

Homens, mulheres e crianças,

Cobrem o rosto com máscaras para se protegerem de tamanha judiação,

Lavam as mãos com sabão

Que dizem matar o vírus vilão.

Passa dias, passa horas e o vírus não vai embora.

Dá um medo danado do novo ano que se aproxima.

Esperamos que saia uma vacina,

Que acabe com essa agoniação.

O Inec traz pra gente comida, educação, cultura e terapia

Para nos ajudar a passar essa pandemia.

O povo do Alagamar

Enfrenta a enfermidade com determinação,

Rezando pra São José, nosso padroeiro, levar embora essa maldição.

O bicho veio de longe,

Lá onde o cão perdeu as botas,

Querendo assustar o povo de Lampião.

Saia daqui seu danado que de você não temos medo não.

Aqui fazemos chá de capim-santo e limão,

Benzedeiras com ramos tocam nossos corpos,

Rezamos com o terço na mão,

Pedimos a graça de Nossa Senhora da Conceição.



# OLHARES SOBRE O MEU LUGAR

## RANGEL SANTOS

MILAGRES

De repente, toda a população é obrigada a ficar em casa. Não pode sair! Isolamento social era algo pouco visto, para alguns até um estilo de vida. Porém, tornou-se necessário contra a proliferação da Covid-19. Escolas, igrejas, indústrias e “comércios não essenciais” foram fechados. Praças, praias, shoppings e parques foram suspensos. Nada de lazer ou entretenimento fora de casa. Assim, a casa virou o refúgio e a fortaleza da sociedade; um lugar seguro, durante o período pandêmico.

Em Milagres, uma casa aconchegante e espaçosa, com móveis confortáveis, ambiente climatizado e meios tecnológicos podem favorecer o convívio familiar e ajudar a passar o tempo: a leitura de um bom livro, assistir um filme espetacular, cozinhar aquele prato especial e contemplar o momento.

Famílias com alto poder aquisitivo, as quais não foram impactadas financeiramente com os efeitos da pandemia, conseguem suprir suas necessidades e viver tranquilamente.

Ao mesmo tempo e na mesma cidade também existem casas sem estrutura adequada, apertadas e sem climatização. Também não há nada de móveis confortáveis ou tecnologia favorável. Um espaço nada agradável de conviver.

A situação é pior na periferia onde, além dos problemas sociais vigentes, soma-se o risco de contrair o coronavírus. Famílias em situação de vulnerabilidade social, abandonadas por uma sociedade hipócrita que prega o amor e a igualdade mas, na verdade, propaga o desprezo e a desigualdade.

Neste lugar, a violência, a fome, a prostituição e o tráfico de drogas se misturam ao isolamento social. Se de um lado há olhares de alegria e esperança, do outro há olhares de dor e desespero.

Quando não acometidos pela covid-19, vem o medo e a depressão invade os lares sem pedir licença, aproveitando o momento, alimentando-se do sentimento de solidão. Não escolhe pessoas por cor, gênero, idade ou condição social.

A comunidade agoniza. É o choro de mães e filhas vítimas da violência doméstica (física, psicológica, moral ou sexual) cometida por seus maridos, pais e companheiros. Isoladas e com receio, calam-se diante da brutalidade e do machismo. A casa silencia a violência e poucas vezes a denúncia é feita. Seja no centro ou na periferia, em famílias ricas ou vulneráveis, a violência doméstica completou o cenário de isolamento social.

A dinâmica do lugar é alterada radicalmente. Sem movimento nas ruas, sem aglomerações nas calçadas, sem visitas no fim de tarde, sem jogo de futebol no campinho do bairro e sem as barulheiras no barzinho da esquina. O lugar foi transformado, parece um filme de faroeste: tudo vazio, calmo e silencioso.

Parecem outros tempos. Apenas a casa com sua sociedade interna. Um mundo pequeno, resumido a um núcleo familiar, que pouco interage com o mundo externo. O jeito é aprender a conviver com a nova realidade, tentar fugir do “caos invisível” lá fora. Olhar pela janela e refletir: Dias melhores virão?

A resposta quase não existe e as perguntas não para de aparecer: Como será o amanhã? E a escola? E os empregos?

O jeito é focar na esperança, acreditando na expressão que muito foi falada na comunidade: “O isolamento é questão de tempo e logo vai passar”. Em tempos de pandemia o perigo é real! Embora muito se compartilhe que são exageros da mídia ou haja interesses políticos e falta de ética da saúde. E o lugar, a comunidade e a cidade vão mudando sua dinâmica social.

Dentro de casa, aquele pequeno espaço agora é reservado para ser o ambiente de trabalho. São incansáveis reuniões online com grandes demandas, cobranças intensas e incontáveis horas em frente ao computador. É o cenário perfeito para o “burnout”, um tipo de estresse de caráter depressivo, provindo do esgotamento físico e mental do trabalho intenso. Com o isolamento social, as cobranças de trabalho, mesmo realizado em casa, ultrapassou o limite da capacidade humana em lidar com novos processos.

A dinâmica da escola também foi afetada. De repente, aulas online para todos os níveis de escolaridade, em todas as classes sociais, sem distinção. Uma grande contradição! Aqueles que detêm recursos suficientes para ter uma casa confortável também possuem acesso à internet e equipamentos tecnológicos de última geração.

## Mas as famílias em situação de vulnerabilidade social não têm o mesmo privilégio.

Famílias que não possuem internet, nem celular ou computador não possuem acesso às aulas online e, assim, a educação dos filhos sai prejudicada. Em um lugar onde falta comida, falta recursos financeiros.

As famílias “sortudas” que têm acesso à internet enfrentam outro desafio que consiste na posse do aparelho celular, culminando na dificuldade de realizar rodízios para os filhos acompanharem as aulas virtuais simultaneamente. A realidade é cruel nas comunidades que não há pontos de conexão com a internet, tornando impossível o acesso às aulas e excluindo os alunos em situação de vulnerabilidade social do acesso à educação.

É a pandemia e a necessidade de isolamento social gerando mudanças em todos os setores e áreas da sociedade e na vida dos milagrenses. Desfazendo laços fraternos, costumes, rotinas e cotidianos. Os idosos não podem mais reunir-se nas praças, nem mesmo nas calçadas. Afinal, são do grupo de risco. É o fim das conversas, das narrações de histórias e até das fofocas de fim de tarde. São bons momentos tirados pela segregação social. Trancados em casa, a terceira idade não esconde no rosto o sentimento de tristeza, pois lhes tiram o prazer diário: conversar nas calçadas com os amigos queridos.

As visitas dos familiares e vizinhos também estão suspensas. E agora? Usem as redes sociais para a comunicação! Triste ilusão. Inicialmente parecia ser uma boa solução, porém nada preenche o sentimento de “estar perto” ou “estar junto”. Conviver e dialogar de maneira presencial não tem preço ou substituto. O ambiente virtual jamais substituirá o convívio e a interação física entre as pessoas.

A cidade dorme e acorda em um silêncio quase absoluto. A casa parece estar fixada em uma ilha deserta, onde nem as ondas do mar são possíveis de ouvir. Um iceberg à deriva, sem rumo ou direção. Exemplo um pouco surreal, contudo, é assim que as pessoas, casas, ruas, becos e vielas enfrentaram isolamento social na pandemia.

Colocando a casa em evidência, uma verdadeira “Arca de Noé”, mergulhada nas águas do dilúvio chamado coronavírus. O isolamento social na quarentena modificou a sociedade de certo modo, pois rompeu o significado do termo ‘diferenças sociais’ ao sujeitar as pessoas, sem exceções, a ficarem em casa.

Guardando fielmente a família, em um mundo cheio de incertezas, a casa é a vacina aceitável deste momento, mesmo que não tão eficiente. Os dias foram passando e as transformações psicossociais estão sendo sentidas pelos milagrenses. O lugar, embora geograficamente seja o mesmo, de repente parece outro. Agora passa por transformações observadas na higienização dos indivíduos que ali residem, na maneira de entrar em uma fila, na forma de ir ao mercado e no modo de cumprimentarem-se.

Nada de vaidade milagrenses! A população é obrigada a usar a máscara e utilizar álcool em gel. Alguns gritam de suas janelas: estamos na Ásia? A expressão remete ao costume da população dos países asiáticos em usarem máscaras por conta da poluição do ar ou transmissão de doenças que lá circulam.

Não foi muito difícil os municípios entenderem a importância de usarem a máscara. Apesar de alguns optarem por descumprir a regra, boa parte aceitou tranquilamente o uso. Logo, costureiras e artesãs veem uma oportunidade de geração de renda e começam a fabricá-las em grandes quantidades. A cidade quer comprar! Têm de todas as cores, modelos e tamanhos.

O distanciamento social em algum lugar calmo por natureza pode não incomodar. Mas o isolamento é desconfortável quando pais e mães de famílias não podem sair de casa para buscar o “ganha pão”. A fome começa apertar. As crianças choram querendo um biscoito ou um prato de arroz com salsicha. Os pais entram em desespero em ter que dizer não aos filhos. Sem querer assustar, o povo clama calado, padece em segredo. O isolamento, oriundo da necessidade de evitar o contágio da pandemia, simplesmente passa a revelar as fases e faces da fome na cidade.

Mas sempre há de existir uma luz no fim do túnel. Empresas, pessoas e instituições se mobilizam e levam alimentos aos mais atingidos e necessitados. A

chegada de uma cesta básica alegre, por um momento, aquela família sofrida e castigada pela fome.

E o tempo passa. Nas grandes mídias boletins são notificados sobre o aumento de óbitos. As pessoas da cidade de Milagres ficam desesperadas, colocando em pauta a dúvida acerca da eficácia de permanecerem em suas residências, os meses avançam e os primeiros casos de coronavírus são confirmados no município.

Um banho de água fria na população, sem distinção. O medo agora é real. Quem vai trazer esperança ao povo? Guiá-los? Orientá-los? Encorajá-los? O jeito é apegar-se a fé. A religiosidade do lugar é o que mantém as pessoas fortes. Gera um equilíbrio para mente das pessoas, que estão em casa aguardando tudo isso passar. Se a premissa de que fé move montanhas estiver correta, verdadeiramente a cidade e todos os que habitam nela descansaram à noite tranquilos haja vista a ardente esperança de que dias melhores virão. Por hora, é aguardar e conviver com as constantes transformações sociais do meu lugar.

# UM ABRAÇO TAMBÉM É UM LUGAR

**DANIELLE SARAIVA**

ITAPIÚNA

Anne Frank uma vez escreveu em seu diário que “os abraços foram feitos para expressar o que as palavras deixam a desejar”. Setenta e cinco anos depois, a frase da jovem garota símbolo de resistência, ainda possui um significado tão real quanto melancólico: o contato físico entre as pessoas implica uma troca de sensações que, de outro modo, não pode ser descrita. Assim, se somos privados de nos abraçar, de certa maneira, um pouco da nossa voz também é silenciada.

Sim, o distanciamento social estabelecido em virtude da pandemia do coronavírus tem nos separado mais do que um metro e meio, e o “novo normal”, nos deixado mais receosos, individuais e ansiosos. O que antes era festa, toque, sorriso, viagem e barulho se transformou em monotonia, aceno, máscara, isolamento e quietude.

Como uma grávida que gostaria de acelerar o relógio para conhecer seu filho, assim desejamos avançar para um futuro onde a vida não gire em torno de álcool em gel e chamadas de vídeo. As janelas – tanto as das nossas casas, quanto as virtuais – são ao mesmo tempo um escape e uma cela; de fato, nem a mais alta tecnologia se equipara ao valor de um carinho, sentir o cheiro da pessoa que amamos, selar um acordo com um aperto de mão ou cumprimentar alguém com um sorriso...

No entanto, como diz minha avó, “devemos tirar coisas boas até dos momentos mais sombrios”. Parece um grande clichê – e talvez seja mesmo – porém, de fato, viver esse período louco ao lado dela tem sido um constante lembrete do quão privilegiada sou; ela representa a força feminina, obtida de maneira árdua, e cada ruga em seu rosto conta uma história. Ela não deixou de sorrir, então, como iria eu?

e os poucos encontros têm gosto de brigadeiro roubado antes dos parabéns em festa infantil, um pequeno prazer, mas sabemos que ainda teremos bolo, salgadinho e refri - assim como ainda temos muitas experiências incríveis nos aguardando. “Para onde quer ir quando a pandemia acabar?”

Essa foi a pergunta que me fizeram esses dias. Isso me deu uma súbita perspectiva de futuro. Eu, assim como você, e diferente de milhares de outras pessoas - diferente de Anne Frank – teremos a oportunidade de prosseguir. Sim, ainda vamos marcar todas as caixinhas de metas que 2020 nos roubou e **teremos de volta os encontros, os sorrisos e o toque**. Eis, então, minha resposta: “quero ir para dentro de muitos abraços”.

“**TEREMOS DE VOLTA  
OS ENCONTROS, OS  
SORRISOS E O TOQUE**”



Existem amigos e familiares que não vejo há meses. O trabalho tem sido de forma remota



# OLHARES DESPERTOS PARA O SENSÍVEL

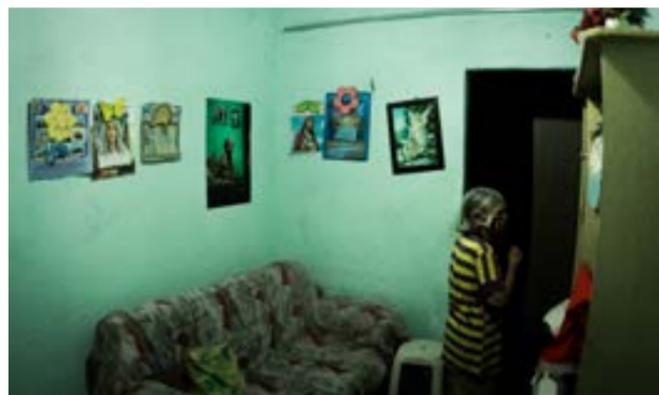
## CONCURSO DE FOTOGRAFIA

Para termos o cinema e a televisão, foi preciso nascer a fotografia. Uma das modalidades de comunicação mais importantes e impactantes da comunicação na sociedade moderna, a fotografia trabalha com a estética e com o sensível, despertando em nós os mais diversos sentimentos e estímulos. Muitas vezes tida como “espelho da memória”, **a fotografia nos permite retornar ao passado**, lembrar momentos ou mesmo imaginá-los a partir das informações “capturadas”

no clique. Por essa sua capacidade, está nos livros de história, no jornalismo, na arte e em muitas casas brasileiras nos álbuns de família. E também está aqui, na revista A Vaia, que traz nas próximas páginas registros premiados do Concurso Cultural Jovens Comunicadores do Inec 2020.

“ A FOTOGRAFIA NOS  
PERMITE RETORNAR  
AO PASSADO ”





## 1º LUGAR

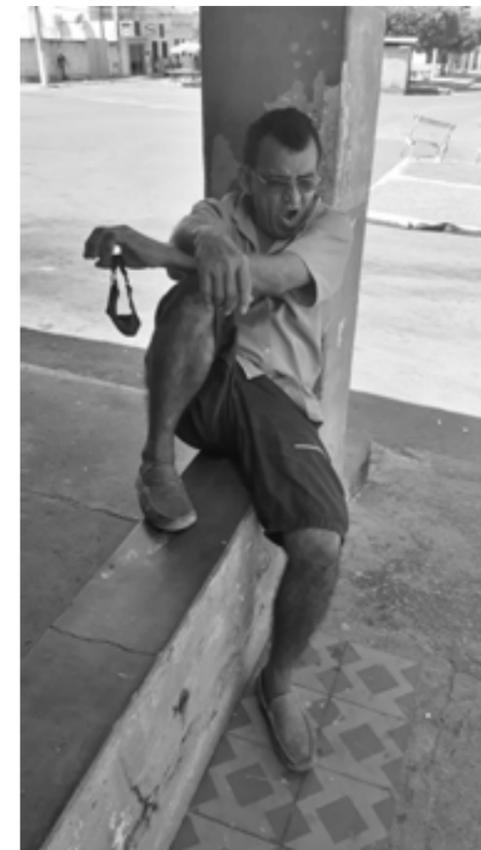
Apresentamos o ensaio “A imagem que retorna” do Yuri Juatama, Jovem Comunicador da Serrinha (Fortaleza/CE). Ele foi o 1º lugar do concurso no quesito fotografia.

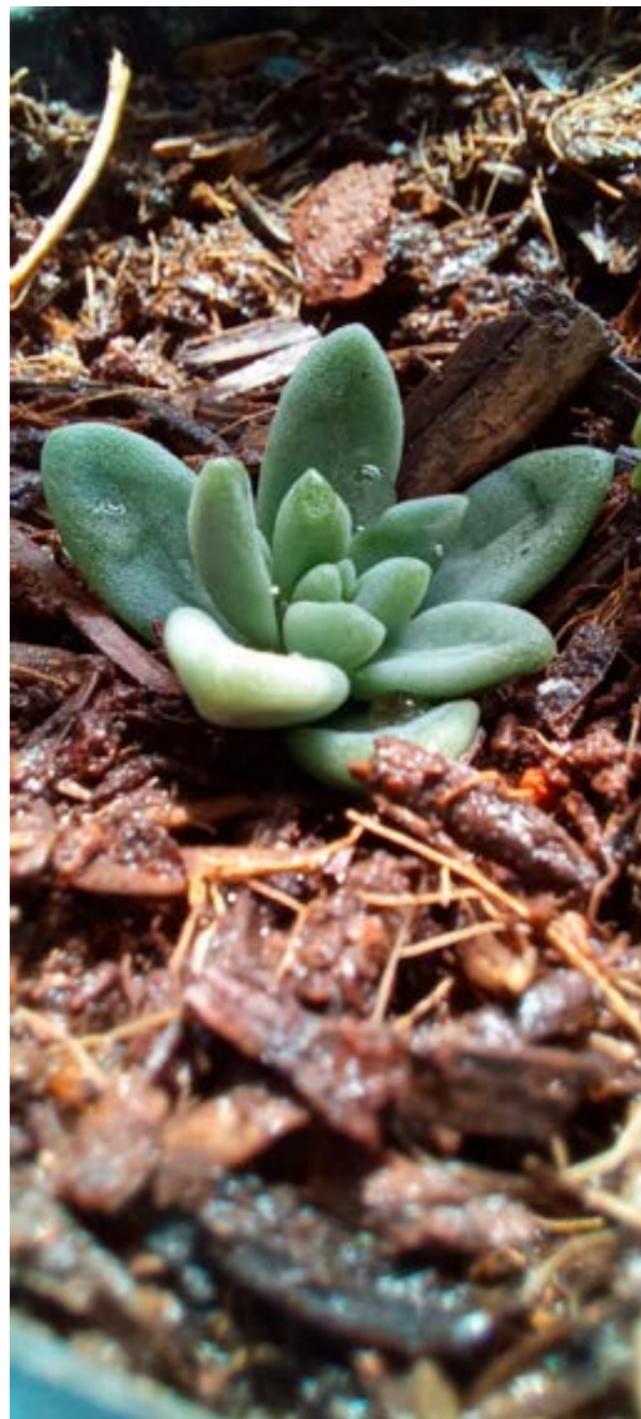
O ensaio “A imagem que retorna” foi produzido durante o período de isolamento social, e parte de um luto, após o falecimento de Maria no ano do seu centenário, no momento em que o Ceará chegava ao pico de propagação do coronavírus.



## 2º LUGAR

Apresentamos o ensaio do Jovem Comunicador de Itapiúna, Charlon Evangelista, 2º lugar do concurso no quesito fotografia. Charlon nos traz um ensaio sobre cotidiano e cuidados com a pandemia em seu território. Um verdadeiro olhar sobre seu lugar.





### 3º LUGAR

Apresentamos as fotografias do Coletivo em Pauta, do território de Itapiúna, 3º lugar no concurso cultural. Caio Liviun, Davi Matias, Yohara katrin, Maria Julia Castro e Pedro Temoteo deram um show, um lindo olhar sobre o lugar deles.



# LENTES DA CRIATIVIDADE

## CONCURSO DE AUDIOVISUAL

Um dos meios mais atraentes, potentes e impactantes de fazer comunicação é o meio audiovisual. Através dele temos o cinema, os programas de televisão, os canais de entretenimento como YouTube, os cursos online e tantos outros produtos. Por muito tempo possuir um aparelho de TV foi o grande sonho de consumo dos brasileiros. Hoje, com a massificação das redes sociais, produzir conteúdo audiovisual está cada vez mais acessível. Trabalhando no campo da imagem, do som e da escrita (roteiro) ao

mesmo tempo, fazer um filme, um documentário ou um simples vídeo para as redes sociais requer do produtor criatividade, domínio da ferramenta (câmera e som) e habilidade de apresentar informações ou histórias atraentes em cenas. Quando bem utilizado, pode ser transformador.



# FRAME

“

**Nada foi maior que a fé,  
alento para alma, mente e  
coração**

”

## 1º LUGAR

### **A fé em época de Pandemia | Olhares sobre o meu lugar**

O 1º lugar do concurso foi Maria Isabel do Nascimento Pires, do território de Meruoca – Ceará. O cotidiano da pandemia também ajudou o território de Meruoca a reafirmar suas convicções espirituais. Nada foi maior que a fé, alento para alma, mente e coração.

Acesse: [A fé em época de Pandemia | Olhares sobre o meu lugar](#)



**TERRITÓRIO  
Meruoca - Ceará**

*Olhares Sobre o  
Meu Lugar*

 **Jovens  
comunicadores**  
Instituto Nacional de Educação em Ciências

# FRAME

“

**mudanças no cotidiano  
pandêmico, dores, alegrias e  
saudades**

”



YouTube 

## 2º LUGAR

### **Serrinha a partir de mim | Olhares sobre o meu lugar**

O 2º lugar do concurso foi Yuri André de Freitas (Yuri Juatama), do território da Serrinha - Ceará. O vídeo traz um olhar sensível sobre o território da Serrinha a partir dos prismas de alguns personagens, mudanças no cotidiano pandêmico, dores, alegrias e saudades.

Acesse: [Serrinha a partir de mim | Olhares sobre o meu lugar](#)



**TERRITÓRIO  
Fortaleza - Serrinha**

*Olhares Sobre o  
Meu Lugar*

 **Jovens  
comunicadores**  
luzes juventude

# FRAME



**Uma versão bem humorada de muitas coisas durante a pandemia**



YouTube 

## 3º LUGAR

### **Medo no meio da Pandemia | Olhares sobre o meu lugar**

O 3º lugar do concurso foi Aline Bezerra de Oliveira e Danielle Bezerra Saraiva, de Itapiúna - Ceará. Uma versão bem humorada de muitas coisas do cotidiano durante a pandemia. Esses tempos podem nos levado muitas coisas, mas não a alegria e esperança em dias melhores.

Acesse: [Medo no meio da Pandemia | Olhares sobre o meu lugar](#)



# ZINES, A ARTE DA MÍDIA REBELDE

Fruto do ensejo de uma comunicação livre e independente, contrapondo-se aos conglomerados da mídia tradicional, o fanzine é o meio de comunicação rebelde por natureza. Muito utilizado como uma ferramenta de expressão artística e de disseminação de ideias críticas em caráter inovador e experimental, o “zine” pode tanto funcionar como mídia alternativa para difusão de artigos, ilustrações, contos e poesias, ou como recurso pedagógico para envolver os estudantes na produção de conteúdo original.

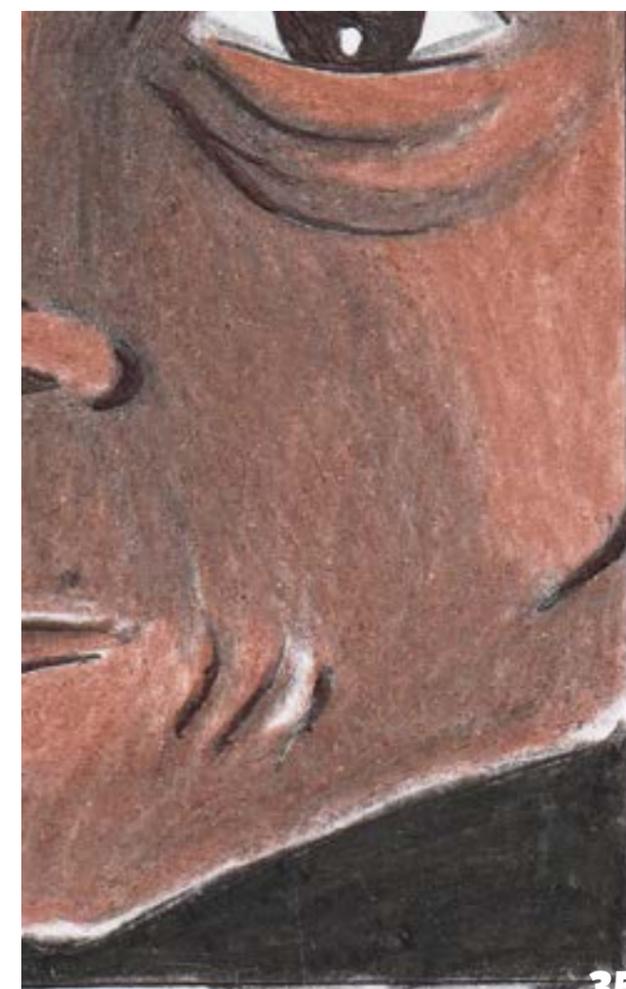


## FANZINE |

**Os únicos requisitos para fazer um fanzine são: imaginação, lápis, papel e cola!**

Este ano o Concurso Cultural Jovens Comunicadores do Inec apresentou a nova categoria Fanzine/HQ, ampliando as linguagens trabalhadas e os espaços de criação.

**Veja os vencedores:**



## DESTAQUE

O destaque na categoria Fanzines no Concurso Jovens Comunicadores - Olhares sobre o meu lugar, ficou com a inteligente criação do Jovem Comunicador Cícero Roberto David, do território de Milagres (CE). Roberto contou pra gente como o cotidiano da pandemia afeta a todos, e de como nos diferentes papéis que exercemos, podemos ser alento uns para com os outros.



# UM MERGULHO NA IMENSIDÃO DAS PALAVRAS

## CONCURSO DE REDAÇÃO

Não é à toa que um dos principais aspectos da maior prova que os estudantes brasileiros encaram, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), esteja na habilidade de interpretar e escrever. Quando lemos, imergimos em ideias alheias que nos demandam interpretação. Quando escrevemos, emergimos nossas ideias e as gravamos em papel.

Por isso conseguir organizar os pensamentos com clareza, argumentação e objetividade em uma carta ou redação, por exemplo, é uma das habilidades mais valiosas que desenvolvemos ao longo da vida escolar.

Nada melhor, então, que desafiar nossos Jovens Comunicadores a um preparatório para a redação do Enem neste Concurso de Redações que os convida à mergulharem dentro de si para descobrirem os “Olhares sobre o Meu Lugar”.



# CRISE SANITÁRIA, OLHARES SOBRE O MEU LUGAR E CRITICIDADE

QUAIS OS NOVOS HORIZONTES PARA O NOVO NORMAL?

## MARIA JÚLIA CASTRO

ITAPIÚNA

Na canção “Alívio Imediato”, o compositor e cantor Humberto Gessinger diz: “o melhor esconderijo, a maior escuridão, já não servem de abrigo, já não dão proteção [...] tudo se divide, todos se separam, a diferença é o que temos em comum”.

Tal trecho representa bem as experiências vividas desde março de 2020, devido à crise sanitária que explodiu no Brasil em decorrência da Pandemia de Covid-19: nosso melhor abrigo (o nosso lar) tornou-se a melhor forma de proteção.

Infelizmente nem todos puderam desfrutar da chance de se abrigar nesse melhor esconderijo e muitos brasileiros precisaram arriscar suas vidas encarando exposição nas ruas para não deixar faltar comida na mesa.

Quem teve o privilégio de aderir ao isolamento, por sua vez, pôde analisar as coisas pela ótica de sua casa, como no meu caso. Não faltam relatos nas mídias sociais de que, com a pandemia, as pessoas passaram a dar mais valor aos momentos em família, à pequenas demonstrações de afeto e até adquiriram novos conhecimentos - o descobrimento de novos hobbies. Nessa visão, novos horizontes foram enxergados, apesar de tudo.

No entanto, enxergar o seu lugar vai muito além daquilo que é visto pelas nossas janelas da residência. Não é só sobre o lugar físico, mas sobre interpretar o que ele representa e o que está ao seu redor.

Sendo assim, não podemos fechar os olhos para o que encontramos no lado de fora: esse período de crise revelou mais ainda as desigualdades socioeconômicas presentes em nossa realidade, que muitas vezes são ignoradas graças ao despreparo governamental.

Um exemplo dessa desigualdade foi o acesso à educação com a rotina escolar via ensino remoto à distância, também desigual e não acessível para todos. A saudade é tão marcante que os estudantes nunca desejaram tanto estar na sala de aula!

Do meu universo particular, passando por vários estágios, é assim que interpreto as experiências dos oito meses de pandemia.

Sem dúvidas, a maior dessas questões se volta sobre pensar quais são as perspectivas da sociedade para o mundo globalizado pós-pandemia e os desafios que teremos que enfrentar para superar os prejuízos. Quais os novos horizontes para o novo normal em meu lugar? Para saber, é necessário seguir em frente. O que a vida quer da gente é coragem, e ela não poderá faltar.



# O ALAGAMAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

**FRANCISCO BRUNO**

JAGUARETEMA

Tenho uma visão espetacular sobre o meu lugar que é o Alagamar, esta comunidade que sempre se reinventa. Aqui nasci, cresci e juntos com meus familiares vivemos e criamos raízes fortes e firmes.

Meu lugar foi reassentado devido a uma grande obra e, agora, o Alagamar original se encontra submerso às águas do Açude Castanhão.

Nasci as margens do Rio Jaguaribe e, assim como minha família, resisti a todas as transformações e mudanças. Mesmo estando em outro lugar, conseguimos firmar nossos maiores bens que é sobreviver no assentamento que, como o Alagamar original, é maravilhoso, mas com algumas diferenças. Nada que não seja superável.

Mesmo acostumados a passar por períodos difíceis, agora vivemos o diferencial que modificou o “retrato” do meu lugar. A covid-19 que veio trazendo muitas mudanças e nos fazendo passar por situações muito complicadas.

Viver a pandemia, até para um lugar como o meu, que é “zona rural”, é difícil. A situação nos trouxe preocupações; trago em meus familiares, pessoas em grupos de riscos. Foram momentos difíceis, porém aprendemos a conviver com o diferente.

**Há quem pense que o vírus só existe nas grandes cidades.**

Isso é um perigo. Até o momento, foram confirmados quatro casos na comunidade - o que é um número alto por se tratar de uma localidade pequena.

Precisamos que todos se conscientizem e respeitem as orientações. Aqui, temos um posto de saúde para atender a população, assim ninguém precisa se deslocar até o hospital da cidade.

As pessoas da comunidade são bem divergentes. Alguns apoiam usarmos máscaras, álcool em gel e termos os demais cuidados necessários. Mas, como em todas as partes, já encontramos pessoas que desrespeitam completamente as orientações da vigilância em saúde.

Mesmo com a pandemia ainda resistindo a acabar, aos poucos nossa rotina comunitária volta ao normal. As cerimônias religiosas já estão sendo realizadas, mesmo que com restrições para seguir os protocolos de segurança.

Outro acontecimento foi a realização do II Festival de Cultura e Ecologia do Alagamar, mas no formato online, claro! Mais uma vez a nossa comunidade se superou: nosso festival foi um sucesso, um grande “espetáculo” da cultura local.

Entre tantas mudanças, meu bom lugar continua firme, forte e acima de tudo, aprendendo a lidar com este momento. É típico do meu lugar estarmos sempre nos reinventando.

# A VIDA CONTINUA

**MARGARIDA CALISTO**

JAGUARETEMA

O meu lugar se chama Novo Alagamar, distante 18 km da sede de Jaguaribema, encravado no Médio Jaguaribe e há 239 km da capital Fortaleza. As pessoas aqui reassentadas vieram de outro lugar, o antigo Alagamar. Tudo aconteceu por causa da barragem Castanhão, que inundou o meu antigo lugar e tornaram o Alagamar, para mim e para os outros, em um não-lugar ou quase um deslugar.

Nesse novo lugar as pessoas tiveram que se reinventar, se adaptar e recriar seus modos de vida. A luta continuou. Vejo, dia após dia, a batalha dessas pessoas por melhores condições de vida.

No entanto, a seca, que de vez em quando castiga a caatinga, abateu-se sobre nós por um longo período, obrigando a população a resistir, buscar parcerias e outros apoios para atravessar a estiagem. Para a alegria do camponês, o ano de 2020 trouxe de volta as chuvas e, com ela, a esperança do homem brotou de novo. Parecia tudo voltando ao normal: plantas, flores, água e fartura.

De repente, um vírus diferente, que nem vivo é, inicia um surto, que avança para uma epidemia, que logo se transforma em uma pandemia e, assim, alcança o meu lugar. Todos se refugiam dentro de casa, agora, além de moradia, também é local de trabalho, de estudo, de descanso e, acima de tudo, de proteção.

O olhar que abrangia toda a comunidade agora se volta para dentro da casa. Coisas que antes eram despercebidas, passam a ser vistas com outro olhar. A arrumação da mesa para as refeições da família, a decoração da sala, o quarto que vira espaço de home office, plantas em volta da casa. Tudo ganha um novo significado.

Agora, a casa como espaço de trabalho é como se fosse um observatório da comunidade e do mundo. A necessidade de continuar trabalhando de casa faz do distanciamento social uma aproximação virtual, garantindo os vínculos de trabalho, sociais e familiares. A pandemia ameaça a todos, assusta muitos e aniquila tantos. Mas a esperança do tratamento ou de uma vacina se aproxima a cada dia mais. A olho nu não podemos ver o vírus, mas o seu rastro é muito visível a todos. Apesar da pandemia nos reduzir o espaço, ele também nos amplia a percepção do tempo, o qual tem sido usado para melhorar o espaço da casa, realizar leituras e valorizar as coisas simples.

**A vida continua pulsando, mesmo que sob as novas regras de convívio.**

O movimento discreto das pessoas mantendo a distância, álcool em gel nas mãos e a adoção da máscara como nova peça do vestuário são comportamentos que ainda durarão algum tempo.

# A PANDEMIA NO MEU LUGAR

A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PENSAnte

## WENDELL

MILAGRES

Certo dia um vírus passa a assustar nossa sociedade. É algo novo e que amedronta a todos, pois nunca vivenciamos coisa assim. Diante disso, mudar alguns modos e hábitos de vida foi de extrema importância.

Amanheceu e todos tínhamos uma nova rotina para se adaptar rapidamente. Iniciava-se um tempo difícil, mas um tempo de resiliência em que todos da comunidade precisaram se reinventar dia após dia.

A inovação passou a ser crucial na comunidade. Procurávamos algo novo para investir, seja no profissional ou pessoal, de modo que viessem melhorar a população e o convívio destes.

No fim da tarde, tomar um café em família nos traz de volta àquela nossa antiga realidade que já havíamos esquecido de conversar, brincar e assistir. Voltar ao nosso cotidiano nos deixando nostálgicos ao lembrar dos momentos simples que nos trazem alegria tenham sido surrupiados por uma sociedade capitalista e

**agora sofremos os  
prejuízos por não  
terem valorizado o  
que é essencial:**

um cheiro no cangote, uma benção mãe ou até mesmo as peraltices feitas pelas crianças no terreiro de casa.

Após o café, aqui no meu lugar, no meu cantinho que valorizo mais que nunca, me vem uma reflexão.

Mesmo com tantas angústias e preocupações sobre a economia, principalmente com o essencial na vida do homem que é a

alimentação, a pandemia nos trouxe uma grande lição. Foi necessária uma pandemia para entendermos que a vida é única. Só temos uma chance. Por isso vamos dar risadas dos nossos defeitos e nos conhecermos mais profundamente; vamos deixar o orgulho de lado e amar o próximo, dando valor ao convívio com as diferenças.



# ATRAVÉS DE UM OLHAR CASTANHO

## ANA GLÓRIA

SOLONÓPOLE

2020 foi um ano atípico. Os primeiros meses correram normalmente; volta as aulas, carnaval, festa de São José, o padroeiro do pequeno distrito onde moro até, infelizmente, ser interrompida por um vírus advindo de outro país que se alastrou e foi chamado de pandemia.

Aqui no meu povoado nada havia mudado. As pessoas andavam nas ruas normalmente, se abraçavam, faziam aglomerações. Na TV, os telejornais apresentavam números gigantescos de casos confirmados e mortes causadas pela covid-19. Alguns não acreditavam e diziam ser um plano elaborado pelo governo para aumentar custos.

A realidade que parecia tão distante foi se aproximando e logo haviam pessoas doentes por aqui. Então rotina mudou. Da janela da minha casa não vi mais as cenas de antes. Agora poucas pessoas passavam e todas usando máscaras de proteção. As casas foram fechadas a visitas. Restaurantes e a vendinha do seu Chico - quem diria que essa passaria um dia sem abrir? - também fecharam as portas. Já os idosos, categorizados como grupo de risco à covid-19, foram impedidos de sair de casa e, para todos em geral, estar em casa foi a medida de segurança incentivada pelo ministério da saúde.

Os estudantes não iam mais à escola. Agora todos assistíamos as aulas de casa pelo computador. É uma pena que nem todos tivessem esses aparelhos, como alguns dos meus amigos que faltaram às aulas porque em suas casas não havia internet. Ah! Se eu pudesse ajudá-los com isso.

Os hospitais estavam lotados de gente doente. Acho que até o seu Chico esteve lá e disse que foi o lugar mais feio que já viu.

A minha mãe não me deixou ir ao parquinho. No início, eu não entendi muito bem o que estava acontecendo, mas logo vi que não era algo bom.

Oito meses se passaram e aqui estou, ainda em frente ao meu computador me perguntando se tudo voltará a ser como antes.

**Muitos dizem  
que essa vida que  
vivemos agora é  
o “novo normal”,  
mas não acredito  
em um mundo sem  
abraços e sorrisos  
estampados.**

Meu desejo é que todos passem a se olhar com mais respeito e empatia, com isso poderemos nos adaptar e fazer que seja visto como “nosso normal”.

# NOSSO PRESENTE

## LEONES SANTOS SOLONÓPOLE

Neste tempo diferente  
Onde o mundo anda mudado  
A saudade do presente  
Vai buscar lá no passado  
Aquele felicidade plena  
Dos dias sem quarentena  
Que eu era acostumado.

Por causa da contaminação  
Aglomerar não pode mais  
Com toda aquela proteção  
Em interiores e capitais  
É preciso sempre cuidar  
Para o vírus não circular  
Como dizem os jornais.

No meu São José amado  
Não foi muito diferente  
Teve fulano animado  
Com o isolamento contente  
Até a realidade acontecer  
E o Corona aparecer  
Bem aqui no meio da gente.  
Vi minha escola fechar

E quão grande é a dor  
De ser obrigado a estudar  
Frente a um computador  
Lembrando daquele dia  
Que com os amigos sorria  
Na sala com o professor.

Vi muita porta fechada  
Até mesmo as da capela  
Onde era celebrada  
Aquele missa singela  
Mas em cada residência  
A missa por providência  
Foi transmitida numa tela.

Vi gente não ter alimento  
Porque o trabalho perdeu  
E fazer festa no momento  
Que o auxílio recebeu  
Mas logo o capital acabou  
E aquela dificuldade voltou  
Porque o dinheiro não deu.

Fiquei triste pois vi gente  
Que infelizmente não resistiu  
Um amigo perdeu um parente  
Que deste mundo partiu  
Não era uma só uma gripezinha  
E eu vi gente com gracinha  
Envergonhando nosso Brasil.

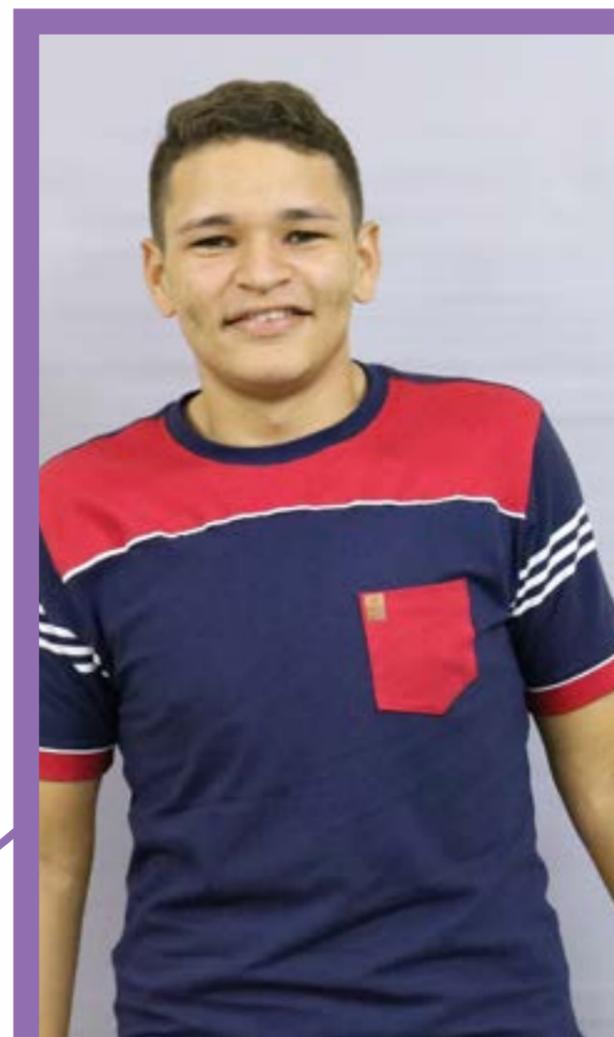
Vi gente perder a esperança  
E achar que era o nosso fim  
Sem ter mais a confiança  
De que não é bem assim  
Pois mesmo o mundo mudou  
E a humanidade se adaptou  
E tudo vamos vencer, sim!

Médicos, técnicos e enfermeiros  
Esses grandes profissionais  
Foram valentes guerreiros  
Que aprendemos a valorizar mais  
Lutando de plantão em plantão  
Pela vida de cada cidadão  
Nos leitos dos hospitais.

Aprendemos a inovar  
E na realidade virtual  
Tivemos que nos virar  
Com live em rede social  
Para o contato não perder  
E a humanidade aprender  
A valorizar o essencial.

Mas nem tudo foi espinho  
Muita coisa aprendemos  
Um vírus tão pequenininho  
Que nós sequer o vemos  
Veio enfatizar a todo povo  
Sobre este mundo novo  
Que juntos construiremos.

E neste tempo diferente  
Onde o mundo foi mudado  
A saudade do presente  
Já nem volta tanto ao passado  
Sabemos que a felicidade plena  
Nesses dias de quarentena  
É no hoje amar e ser amado.



# ONDE VAMOS CHEGAR EM 2021

## O QUE VEM POR AÍ

O ano de 2020 foi de inúmeros aprendizados para todo o Inec, em especial para seus projetos socioambientais. Com as atividades presenciais limitadas ou proibidas, devido a pandemia da covid – 19, muitas das ações tiveram que migrar para formatos híbridos ou exclusivamente digitais. Destacamos os trabalhos realizados com nossos Jovens Comunicadores, conseguiram aprimorar os processos de comunicação profissional a distância no bom cumprimento das ações do projeto. Essas condições que se apresentavam em um primeiro momento adversas, revelaram-se posteriormente, uma oportunidade para otimizar as informações geradas, aproxima-las mais ainda do tempo real de divulgação, bem como possibilitou arvorarmos mais ainda, nas linguagens e narrativas de transmissão audiovisual, sejam ao vivo ou previamente gravadas.

Para 2021, o Inec prepara algumas novidades para os Jovens Comunicadores, o projeto integrará algo maior, coadunará com o Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Inec, o chamado “DC”. Nessa integração, os coletivos continuarão atuando dentro de seus territórios, produzindo conteúdos de comunicação social, na cobertura das ações realizadas pelos Inec dentro de seu território. Esses trabalhos serão simbolicamente remunerados, adentrando em uma etapa de estímulo ao empreendedorismo e autonomia financeira.

Essas ações de comunicação integradas via Área Socioambiental e de Comunicação do Inec, inundarão todos os nossos canais de divulgação, tornando cada vez mais real a frase: “dos nossos territórios para o mundo”.



## QUEM DEU A VAIIA DESSE ANO?

### LISTA DE COLETIVOS JOVENS COMUNICADORES DE 2020

*Nosso agradecimentos aos coletivos de:*

**Fortaleza – Serrinha**

**Meruoca**

**Milagres**

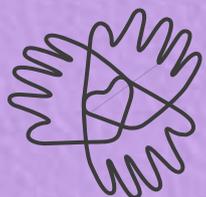
**Itapiuna**

**Jaguaretama**

**Solonópole**



Gratxs por ter dado essa vaia até aqui



**inec**



**jovens  
comunicadores**  
inec juventude

[www.inec.org.br](http://www.inec.org.br)

 [@instituto\\_inec](https://www.instagram.com/instituto_inec)

 [@InstitutoNordesteCidadania](https://www.facebook.com/InstitutoNordesteCidadania)

 [Canal Inec](https://www.youtube.com/CanalInec)

